



3 e 4 de dezembro

III Encontro

de Educação, Direitos Humanos,
Gênero e Sexualidade

POÉTICAS TRAVESTIS NO ROMANCE NEGRO-BRASILEIRO *NADA DIGO DE TI, QUE EM TI NÃO VEJA* DE ELIANA ALVES CRUZ

Leyla Thays Brito da
Silva
Mateus Braz de Sena
Diana Cristina Silva dos
Santos

RESUMO

O objetivo desse resumo é de apresentar a importância do romance “Nada digo de ti, que em ti não veja” (2020), da autora negro-brasileira Eliana Alves Cruz, ao reimaginar a presença da travestilidade negra no Brasil-colônia, e seu legado espiritual, histórico e político. Na referida obra, há um rompimento com os discursos da história oficial do Brasil, ao trazer para o centro da narrativa, corpos que foram silenciadas e marginalizadas. Especificamente, nosso recorte analítico se volta para a vivência da travesti Vitória, uma das personagens centrais da trama, que, com sua corporalidade, astúcia e sabedoria espiritual, presentifica a força do orixá Exu, ao longo do romance. A fundamentação teórica se apoia na articulação entre ancestralidade, travestilidade e sagrado, a partir das reflexões de Leda Maria Martins, acerca do corpo como reduto de inscrição de saberes ancestrais, e da autora travesti Jota Mombaça, no que diz respeito à sua compreensão da potência e luta das identidades de gênero dissidentes. Como metodologia, desenvolvemos uma análise crítica literária com foco na composição da subjetividade e a ação da personagem travesti Vitória.

INTRODUÇÃO

Na obra “Nada digo de ti, que em ti não veja” (2020), da escritora carioca Eliana Alves Cruz, romance histórico, ambientado no Rio de Janeiro de 1732, num contexto de perseguição e segredos da Inquisição portuguesa, Vitória é uma personagem apresentada, enquanto uma

travestis negra e livre, transgredindo as convenções, com sua performance de gênero e sua raça. Graças ao seu dom de vidência e de sua forte intuição, Vitória consegue preservar sua vida, apesar da hostilidade colonial, e transitar ileso pelos vários núcleos de personagens, como se movida por forças que facilitam sua passagem pelos mais diferentes caminhos e encruzilhadas políticas e sociais. Assim pressupomos que a personagem carrega consigo uma forte conexão com sabedorias ancestrais, ligadas à energia do orixá Exu, senhor dos caminhos, da energia sexual e das transmutações.

Partindo desse pressuposto, este trabalho busca refletir como a literatura negra, tem a potência de reescrever a história de vidas silenciadas e marginalizadas, na possibilidade de contemplar todo o legado cultural afrodiáspórico, com seus saberes e espiritualidade ancestrais., que agenciaram e agenciam a sobrevivência das múltiplas tradições vindas de África, a resistência e a organização cultural e política da população negra no Brasil, em específico, das travestis negras.

A partir da articulação entre travestilidade negra e ancestralidade, buscamos discutir, através da ficção literária negro-brasileira, como o sistema de valores espirituais afrodiáspóricos refletem também as poéticas corporais, em suas especificidades, com relação às sexualidades e identidades, revelam-se como aspectos fundamentais para a luta contra as estruturas racistas, sexistas e heteronormativas do colonialismo. A noção de ancestralidade apresentada no livro é desenvolvida a partir da perspectiva africana, toda noção de ancestralidade surge, portanto, como aspecto da cosmopercepção do núcleo afrodiáspórico da narrativa, e como categoria estética do próprio “Narrador”. O tempo, enquanto uma realidade circular, conflua o ontem, o hoje e o amanhã. Do mesmo modo ocorre a temporalidade da trama, na qual a morte e a vida, não se opõem, mas formam uma totalidade.

METODOLOGIA

Como metodologia, recorreremos ao trabalho de crítica literária, da obra “Nada digo de ti que em ti não veja” (2020), analisando-se a composição das dimensões subjetivas da personagem Vitória e sua ação ao longo da trama do romance. São considerados os estudos da pensadora e artista trans negra Jota Mombaça, em especial a articulação do conceito de “quebra” com “travestilidade”, a fim de compreender a corporeidade da travesti de Vitória, como território de resistência radical às violências cisheteronormativas, racistas e patriarcais.

A personagem Vitória, a partir de sua corporeidade, traz saberes ancestrais africanos, que traduzir uma gramática de resistências das travestis negras. A partir da leitura de Leda Maria Martins, em sua noção de poética do corpo”, consideramos a corporeidade de Vitória

como uma herança ancestral, imantada na força o orixá iorubá Exu. A partir de sua gramática afrodiaspórica ambígua, Exu é utilizado, neste trabalho, como um paradigma conceitual de compreensão da travestilidade de Vitória, em nível sexual e espiritual. Desse modo, Exu se converte em chave de leitura para a transgressão e o próprio movimento de Vitória na trama. Nesse sentido, a análise atenta para como Vitória utiliza seu corpo e sua performance para desestabilizar as normas.

Por fim, considerando a linguagem como um campo de atuação de Exu, buscamos observar como o orixá, em relação ao Tempo, transcorre livremente as várias temporalidades do romance. Do mesmo modo, o narrador, pelo seu modo de narrar, atravessa várias temporalidades, atualizando a vida passada de Vitória com o presente.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em “Não Vão nos Matar Agora” (2019), a intelectual e multiartista Jota Mombaça reflete sobre como a travestilidade é uma experiência transgressora, partindo de uma linguagem poética. A autora, sendo travesti, cria artisticamente uma provocação que desordena, mas também aproxima o entendimento das epistemes travestis.

A quebra não se define porque não cabe em si mesma, porque quando uma vidraça arrebenta, os estilhaços correm para longe, sem nenhuma ordenação plausível. (...) me aproximando o mais possível de uma definição: o que aqui chamo quebra não são os estilhaços, mas o movimento abrupto, errático e desordenado do estilhaçamento. (...) Se a quebra rompe com um sentido de integridade, como então pode precipitar a reunião de forças, entidades e existências? (Mombaça, 2019, p.18)

A noção de “quebra” corresponde a uma metáfora sobre as normas cisgêneras. Ao elaborar uma teoria com base num momento em que uma vidraça metafórica (ar)rebenta-se, seus pedaços esparramam-se sem organização de seus cacos. Essa vidraça pode representar duas facetas: a primeira seria a sociedade refém do embranquecimento e da colonização, e a segunda é o corpo travesti. A primeira seria uma sociedade que se transformou no processo de higienização eurocêntrica, e nela organizou uma hegemonia cisgênera e impôs essa perspectiva sobre toda sociedade como normatividade, mas que se fragiliza nesse discurso, pois não se sustenta nas múltiplas identidades. A segunda trataria sobre a solidão das pessoas trans e travestis e como a sociedade não as protege, corroborando com sua destruição. Ao mesmo tempo a existência de uma pessoa trans e travesti consegue fragilizar o que essa sociedade impõe enquanto normatividade.

A história de Vitória, sendo uma travesti do séc. XVIII, garota de programa, de espiritualidade e sabedoria reconhecida pela comunidade em que vive, pode ser lida a partir de

sua função como uma ancestral trans, movida pela politização das feridas, Xica Manicongo, Madame Satã compõem esse fio ancestral travesti que fala das resistências e saberes dessas vidas, machucada, mas substrato das vidas que segue consolidando essa força ancestral. Jota Mombaça descreve que a dor modos de compreensão das múltiplas vidas trans e travestis, que existiram ao longo do tempo.

A partir dos saberes ancestrais, “enquanto princípio filosófico, possibilita reconhecer e continuar um legado que nasce a todo tempo e se mantém vivo no pulsar de nossa existência materializada” (Kirch, Carvalho, 2024, p.130-131), há a possibilidade das ressignificações, refletindo sobre o corpo que expressa esse saberes através de sua performance. Conforme Leda Maria Martins (2003), a performance não se restringe à ação em si, mas ao local que se deu início, ao conhecimento prévio. Os povos africanos tiveram que transcreever e recriar a múltipla cultura e espiritualidade para o Brasil. As memórias e tradições de Vitória vivem intrinsecamente ligadas ao Congo.

Ao longo da narrativa, Vitória faz com que sua performance de gênero exista e persista contra as intempéries dos padrões comuns da época, “palavra inscrita nos gestos do corpo, adquire uma ressonância singular, (...)inscrevendo o sujeito emissor num determinado circuito de expressão, potência e poder” (Martins, 202, p. 83). É através do viés da encruzilhada, que flui as centralidades, interseções, multiplicidades e confluências dos saberes e realidades. Trata-se de um lugar gerador de significados. Esse espaço de fronteiras para as epistemes de origem ioruba, se figura em Exu, divindade mediadora.

Vitória, enquanto personagem literária, articulada com a história do povo preto e das vidas travestis, consiste numa formulação poética de afirmação e expressão da importância dessa ancestralidade travesti. Em uma passagem emblemática, a personagem coloca a força de existência em seu nome feminismo: “Escute bem, inhozim Filipi. Sou Vitória e qualque que me chame por outro nome sangra na ponta da minha faca.” (Cruz, 2020).

Uma vida e uma voz que se manifesta entre as rachaduras e brechas das ruas e vielas cariocas, de modo que a memória que transmite consigo pelo atlântico literário, se mistura com as perspectivas sagradas e políticas das vidas travestis. Assim a personagem Vitória se coloca como condutora de uma grandiosa voz de um passado, presente e futuro, uma voz ecoante das margens da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escritora Eliana Alvez Cruz usa a figura de Exu como espelhamento em Vitória, para formular uma denúncia sobre o tratamento feito contra os povos da rua, mas também pessoas ignoradas pelo estado. Vitória representa a travestilidade fetichizada, violentada e subversiva, que usa de seus truques e espiritualidade para sobressair em vida. Sua locomoção em toda obra é feita nas sombras da noite, nos becos escusos, mas não menos oculta de sua luta contra os políticos colonizadores.

A intelectualidade negra apresentada no livro pode ser entendida como consonante ao processo de ressignificação de se repensar a memória coletiva sobre como a história da população negra foi contada ao longo do tempo, e quais pessoas estão escrevendo e repassando as narrativas do povo negro. A reconfiguração de protagonismo, a partir da literatura negro brasileira, ganha um novo significado na imaginação de toda população.

REFERENCIAS

CRUZ, Eliana. **Nada digo de ti que em ti não vejo**, Rio de Janeiro, Pallas.1.edição, 2020.

MARTINS, Leda. **Performance do tempo espiralada: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro, Cobogó, 2021

MARTINS, Leda. **Performances da oralitura: corpo, lugar da memória**. Letras, p.63-81, 2003.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar hoje**, Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.

RUFINO, Luiz. O que pode Elegbara? Filosofias do corpo e sabedorias de fresta. **Voluntas: Revista internacional de Filosofia**. p.65-85, 2019.

KIRCH, Lêssa, CARVALHO, Fabio. Ancestralidade: um conceito importante para a cultura literária contemporânea, **Revista de Estudos da Literatura, Cultura e Alteridade-Igarapé**. p. 129-149, 2024